

O “dedinho” de Tônia.
Por Juliana Fernandes Gontijo.

Angela foi cuidadora de Maria Antônia, uma professora solteira e aposentada, por longos 15 anos. Nos últimos três, ela já não correspondia mais aos comandos físicos. A profissional, contudo, estava ali, uma vez que prometera a si que não iria “abandonar o barco”. Ela sentia que era um dever a cumprir e não um “mero” trabalho.

Os sobrinhos de Tônia, como gostava de ser chamada, diziam aos “quatro ventos” que, quando a tia partisse, Angela seria recompensada pela exímia dedicação ao trabalho.

Menos de um mês após a definição da gratificação fora o acerto demissional, a professora faleceu de mãos dadas com a cuidadora no melhor hospital da cidade. A missão das “duas” havia sido cumprida. Ela estava triste, mas satisfeita por ter seguido até o fim nos cuidados de Tônia.

Na semana seguinte, um representante dos herdeiros providenciou a baixa na carteira de trabalho; fez acerto e avisou que esperasse o contato de um herdeiro para o valor que seria pago por fora. No entanto, nenhum sobrinho ligou para a cuidadora. Os anos foram passando, ela procurou um advogado e teve uma conversa que não foi agradável.

“— Existe um documento sobre essa gratificação?”

— Infelizmente, não.

— Então, lamento. Não há o que fazer.

A mulher ficou decepcionada, pois, durante 10 anos, trabalhou sem registro. O jeito seria aceitar com resignação e, assim, preferiu colocar uma pedra em cima do ocorrido.

Tentou mudar de profissão. Com o dinheiro do acerto, abriu uma loja de roupas, mas o negócio não deu certo.

Um dia, ao fazer compras no supermercado perto de casa, encontrou uma ex-colega de escola, Celeste.

— Que maravilha ver você. Uma de suas irmãs contou que é cuidadora.

— Larguei a profissão. Gosto muito, mas é bem cansativo e as pessoas não valorizam. Estou à procura de outro trabalho.

— Ah, mas conheço um senhor que precisa de uma pessoa e ele paga bem. Pelo que sei, é três vezes o valor do mercado. Este é o número dele: senhor Augusto.

— Não sei, vou pensar.

Angela tinha dúvidas. Não sabia que se queria voltar a ter a mesma dedicação de antigamente. Deixou o papel na bolsa por uma semana até que sonhou com Tônia. Parecia algo real. A mulher disse apenas:

“— Siga seu caminho, vai dar tudo certo!”

No outro dia, a cuidadora acordou cedo decidida a procurar pelo número do telefone dado por Celeste. Entendeu a frase de Tônia com um “chamado”.

O papel já estava amassado. Foi um custo para ler o número. “Se eu não gostar do homem ou da família, não aceito o serviço”, pensou ela.

— Bom dia. Ainda estão precisando de uma cuidadora para o senhor Augusto?

— Sim. Qual é o seu nome?

— Meu nome é Angela. Eu me candidato.

Durante a tarde, ela foi até a casa de Augusto, um administrador de empresas aposentado, de 75 anos, que estava com câncer de próstata.

A mulher que atendeu ao telefone era uma das filhas do aposentado, e foi ela quem recepcionou a cuidadora:

— Muito prazer, sou Anelise. Meu pai está no quarto. Celeste falou bastante e bem de você.

— Obrigada, é uma gentileza da parte dela.

Augusto recebeu a profissional no quarto, pois estava se recuperando de 10 sessões de quimioterapia. Homem gentil e educado, disse com certa dificuldade:

— Angela, você foi muito bem recomendada por Celeste. Vieram outras cinco cuidadoras aqui, mas eu não gostei de nenhuma. O emprego é seu.

— Mas eu...

— Posso dizer que foi amor à primeira vista.

— Como assim? Eu precisava de um tempo para...

— Vá neste endereço e leve a sua carteira de trabalho. O Zé vai deixar você a par de tudo. E não se preocupe, pois sou correto com as minhas obrigações. Esteja aqui amanhã, às 8 horas.

A cuidadora se retirou estranhando a fala daquele senhor que nunca vira na vida.

— Se meu pai falou com você assim, é porque ele gostou realmente. Ele é muito sensível, sabe? E sempre acerta em seus “chutes” na vida.

Como Angela não levou a carteira de trabalho, precisou passar em casa para agilizar a documentação. O motorista da família já estava disponível para o transporte.

“Será verdade que tudo isso está se encaminhando? Tônia tinha razão?”, pensava a cuidadora dentro do carro.

A mulher foi admitida na casa do senhor Augusto nas mesmas condições do salário comentado por Celeste e as demais obrigações conforme a lei vigente. Todos gostavam bastante dela. O tempo foi passando e, após dois anos de trabalho, vez por outra, em cada ajuda ao aposentado, ela escutava baixinho em seu ouvido:

— Eu amo você, Angela. Sim, foi amor à primeira vista.

Ela achava aquilo estranho e passou a ficar incomodada com a situação quando recebeu um “pedido de casamento”. Chamou Anelise para uma conversa em particular:

— É difícil dizer, mas algo tem me incomodado.

— Ah! Meu pai falando que te ama, não é verdade? E lhe fez um pedido de casamento.

— Como sabe?

— Ele conta tudo para nós, está muito lúcido se você não percebe.

— Estou constrangida com isso, Anelise. Muitas vezes, levei em brincadeira, mas já está passando dos limites.

— Ele está falando a verdade, porque realmente gosta de você. Nós vemos nos olhos dele nas suas folgas. Papai tem uma fala diferente em relação às outras mulheres que trabalham aqui em casa. E nenhuma delas tem ciúmes, viu? Elas percebem o amor que ele demonstra em relação a você.

— Não posso aceitar isso. O que as pessoas vão dizer a meu respeito? Que eu me aproveitei de alguém doente pelo dinheiro dela? E o governo? Se me acusarem de estelionato por receber uma pensão por morte?

— O que as pessoas vão pensar é problema delas. Case-se com meu pai, Angela. É o que ele mais deseja. Eu e meus irmãos, estamos todos de acordo com isso.

— Não sei, preciso pensar.

Angela tremia de nervoso. Naquele dia, pediu que o motorista não a levasse em casa. Chegou, apenas tomou um banho e foi dormir. Sonhou novamente com Tônia:

— O amor sempre vence, minha amiga. Seja feliz. Vai dar tudo certo.

Após 3 meses da conversa com Anelise e do sonho com Tônia, os proclames já estavam correndo e Angela ainda não acreditava naquela história. O senhor Augusto teve uma boa melhora no tratamento e estava muito feliz. Ela não tinha certeza se estava fazendo o certo, mas em todas as “recaídas”,

sentindo-se culpada por estar talvez tomando um lugar que não “fosse” seu, Augusto percebia a angústia da noiva e dizia:

— O que eu sinto por você, Angela, é verdadeiro. Eu sei que não tenho muitos anos de vida, mas ainda passaremos muitas primaveras juntos. Não tenha medo de mim.

O dia do casamento chegou. Senhor Augusto escolheu o melhor terno no armário e pediu que a noiva escolhesse o mais belo vestido na loja de um amigo da família.

Um juiz de paz foi chamado. Algumas horas antes do casório, Augusto pediu uma conversa em particular com ele e seu advogado. Anelise foi chamada, porém, nada disse à futura madrasta.

Após a troca de alianças, Augusto já não estava se sentindo bem, talvez pela emoção do casamento em casa, no salão de festas com 50 convidados. Ele teve uma falta brusca de ar. Uma enfermeira que, vez por outra, o acompanhava em algumas consultas, acionou o serviço de ambulância do plano de saúde. A festa terminou ali.

Angela estava atônita e segurava a mão do, agora, marido:

— Vai dar tudo certo, meu bem.

— Sim, foi isso o que a Tônia, sua amiga, me disse.

Augusto falava com bastante dificuldade e tremia bastante.

— De onde você a conhece, Augusto?

— Eu sonhei com ela ontem e, no sonho, me disse que olha por nós.

— Eu amo você, Angela.

— Idem, Augusto.

Esse foi o último diálogo entre os recém-casados antes de o aposentado entrar na ambulância. O câncer havia dado metástase. Três meses após o casamento, ele partiu, de mãos dadas com a esposa, deixando um vazio em cada coração.

A família estava triste, mas tranquila por todos os cuidados que tiveram com o senhor Augusto. A esposa pensava o mesmo, enquanto um filme lhe passava pela cabeça.

E chegou a hora da abertura do testamento, realizada pelo advogado da família e o juiz de paz do casamento, amigo de Augusto:

Nas primeiras linhas do texto, Augusto escreveu:

“À minha graciosa esposa, Angela, que tanto me ajudou nos últimos anos da minha vida, deixo uma pensão vitalícia de 4 mil reais. Meus filhos deverão depositar na conta dela esse valor todo o dia 5 de cada mês. Deixo também o apartamento “verde”, muito confortável para poder desfrutar todos os dias da sua vida. Eu e Tônia amamos você. Nunca se esqueça disso.”

— Quem é Tônia? - perguntou o advogado.

— Foi uma professora aposentada de quem cuidei por 15 anos. A família dela me fez uma “promessa” que não foi cumprida e não vem ao caso no momento, mas eu estou resignada com a situação. Já passou! E a vida seguiu seu rumo. Tanto é que estou aqui agora.

Anelise tomou a palavra:

— Papai me contou toda a sua história com Tônia, Angela. Tenha certeza de que foi o “dedinho” dela que ajudou meu pai se unir a você. Nós todos temos o mesmo amor que ele teve, esteja certa disso.

Todos na sala estavam emocionados.

Sim, Angela entendeu: Tônia e Augusto eram os anjos que passaram em sua vida, mas já estavam “acolhidos” nos braços do Senhor.

Obs. Este é um conto de ficção. Qualquer semelhança é mera coincidência.
